

## 7.1 - ASPECTOS HISTÓRICOS

### Os Primeiros Jornais

O termo *gazeta* sempre foi equivalente à palavra *jornal* em diversos idiomas e países. Nasceu relacionado à atividade de difusão de notícias em público, pela fala de algum emissário proveniente das fontes dos fatos.

O vocábulo *Gazetta*, de origem italiana, traduzida literalmente era (...) o nome da moeda veneziana do século XV, quando Veneza era o mais rico estado independente do Mediterrâneo e travava uma guerra com os turcos em 1566. Nesse período, os comerciantes venezianos, bastante preocupados com sua rota comercial no Mediterrâneo, (...) ávidos por notícias de guerra, pagavam para ouvir os mais recentes relatos das batalhas. Quando o portador das últimas informações chegava na cidade, imediatamente se dirigia a um local fechado onde transmitia oralmente o que havia acontecido recentemente nos campos de batalha, as condições e necessidades das tropas venezianas, expectativas dos seus comandantes etc. Para ouvir os relatos, tendo acesso ao local onde eram transmitidos diretamente pelo emissário (caracterização de um “jornal noticioso falado”), cada pessoa pagava o valor correspondente a unidade monetária: uma *gazeta*. (CARVALHO, 1998, p. 34).



A difusão de notícias à coletividade nasceu desse costume de se transmitir acontecimentos através de relatos orais, enquanto que o relato impresso permaneceria privilégio de poucos.

Os utensílios de um redator de gazeta limitavam-se a uma pena, um tinteiro e uma folha de papel; copiado o panfleto e posto em mãos seguras nada lhe trairá o segredo. (...) Essa consideração (...) resume e explica a vida de agruras dos gazetistas em geral; vida sarjada de perseguições, fingimentos e fugas, angústias e retratações, prisões, castigos e suplicios. Na história das lutas pela liberdade da palavra escrita, terá o jornalismo páginas mais eloqüentes, mas não tão sofridas quanto as do prólogo, alinhavadas sem glória e sem paga pelos noticiaristas anônimos ou esquecidos das folhas manuscritas. Com os quadrilheiros nos calcanhares, sem casa nem parada, dobrando esquinas, acoitando-se em quartos amigos e alcovas suspeitas, rabiscando nos fundos de tavernas e estalagens, em cima dos joelhos, das mesas de cozinha e das tábuas de passar roupa, os noticiaristas entregavam, eles mesmos, às escondidas, as folhas aos clientes e aos correios. (...)

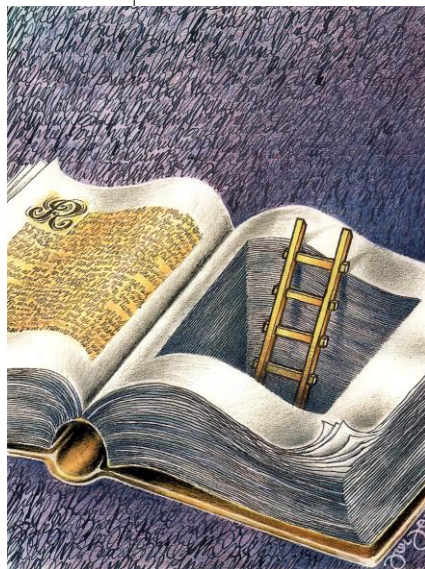
As tipografias (*ao contrário*) instalavam-se com licença e funcionavam sob inspeção dos governos. Nada saía dos prelos sem exames, beneplácitos e privilégios; nem livros, nem opúsculos, nem papéis volantes – nada. Nada e ainda menos notícias, absolutamente proibidas. (CARVALHO, 1998, p. 66).



(1) Os exemplares mais antigos e mais conservados de um jornal primitivo foram publicados na Alemanha em 1609, mas não indicam nem a cidade, nem o impressor ou o editor.

Tomando por base a análise do papel, tipo, técnica impressora, conteúdo político e o colorido religioso, os peritos admitiram que o berço desse conhecido jornal primitivíssimo deveria estar no norte da Alemanha. (...) Bremen é o berço mais provável do primeiro jornal.

(EMERY apud CARVALHO, 1998, p. 13)



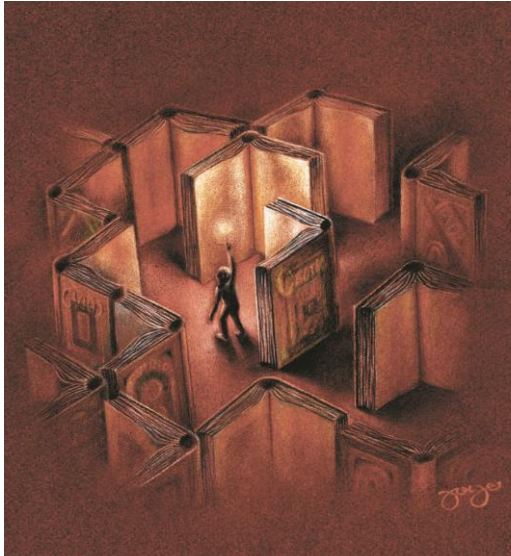
Jorge Arbach

Não há precisão entre os historiadores sobre o surgimento do jornal. A periodicidade seria a condição imposta para o reconhecimento do primeiro título, já que desde o final do século XV, na Europa, eram comuns os avulsos manuscritos. Esses precursores dos jornais circulavam nas cidades, sem título, data, previsão de publicação ou periodicidade. Eram chamadas de folhas volantes, gazetas, libelos ou pasquins. Estes podem ser considerados a germinação do jornal. No entanto, o consenso mais comum entre a maior parte dos historiadores indica que o primeiro jornal surgiu na Alemanha, nos primeiros anos do século XVII (1).

Um retrospecto da história do jornal revela que, como veículo de comunicação, resistiu como resistiu o livro, a todos os embates da tecnologia e das mudanças sociais.

O movimento de aperfeiçoamento e acomodação dos mecanismos de comunicação demonstram o quanto esta dinâmica é um processo imperecível. A voz não substituiu o gesto, nem o livro foi destruído pela TV, nem o jornal pelo rádio, nem o cinema pelo vídeo. A própria comunicação, faculdade inerente ao homem, se eterniza e faz subsistir seus instrumentos. A introdução de novas tecnologias acarreta tanto sua aceitação quanto resistência à sua assimilação.

A primeira grande revolução no processo de comunicação, ocorrida na Grécia, com a adoção e a popularização do alfabeto, criou um embate entre os filósofos da época, que consideravam a introdução da escrita um golpe mortal na capacidade de memorizar. A memória era, então, o único recurso para vencer o tempo. Sócrates disse em *Phaedrus*. “A descoberta do alfabeto criará o esquecimento nas almas dos alunos porque eles não usarão suas memórias; confiarão em caracteres escritos externamente e não lembrarão por si mesmos. Daremos aos nossos discípulos não a verdade, mas a impressão da verdade (...)” (DINES, 1996, p. 64). Certamente vimos que o que ocorreu foi uma acomodação e uma adaptação à nova tecnologia da escrita. E se hoje a capacidade de memorização das palavras perdeu parte da sua importância no processo intelectual, em compensação estas mesmas palavras escritas passaram a estimular a imaginação e a representar importante papel de evocação de imagens e conceitos. A retenção do pensamento com a palavra escrita criou condições de ir além com a mente: de imaginar, de sonhar, planejar, filosofar, conceituar e conjecturar.



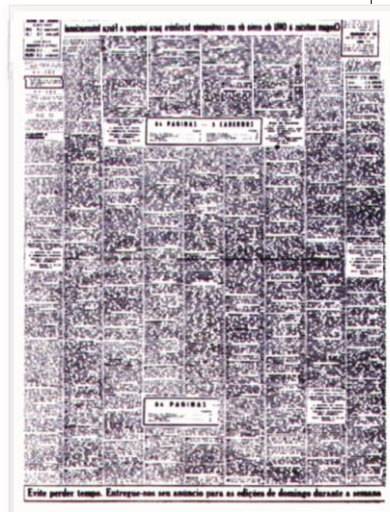
Jorge Arbach

“(…) onde entra a imaginação para recompor a realidade, a retenção é muito maior. Um filme sobre (…) guerra será uma sucessão de cenas fortes sobre (…) guerra. Mas o depoimento de um jornalista que viveu essa guerra aciona a imaginação do leitor, que compõe com as suas próprias imagens (fornecidas pelas palavras do repórter) uma descrição forte e indelével do acontecimento”. (DINES, 1996, p. 93). As palavras possuem a capacidade de estimular a imaginação mais que as imagens reais.

E é com as imagens que o leitor irá compor seu imaginário mental, acionado com as sugestões contidas nas palavras. Ele estará, assim, compondo seu repertório de imagens, sua imaginação. A transposição de uma cena fotográfica para a mente poderá ser bem fixada pela memória com os seus detalhes, mas a composição mental de uma imagem através das palavras será realizada com os elementos próprios da imaginação. E esta será duradoura.

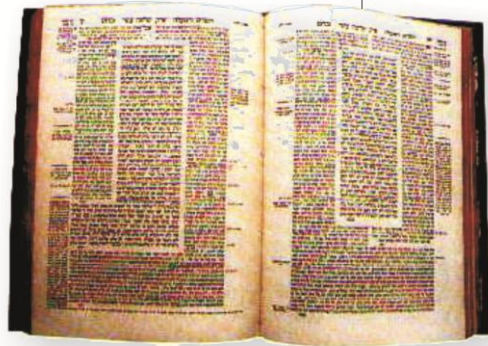
## Aspectos Formais

Até recentemente o jornal era uma massa de composição, subdividida em textos e títulos e mais um pequeno percentual dedicado à ilustração. Os ingleses e franceses iniciaram a utilização de elementos ornamentais, mas não foi apenas nos formatos dos tipos, na aparência e nas dimensões. Isto também ocorreu na composição visual da mensagem impressa.



Excluindo esses recursos gráficos, antes não havia mais nada para se preocupar esteticamente, e a própria distribuição da massa de textos era irregular. As únicas páginas de jornal com *lay-out* eram as da extremidade da edição (primeira e última). Atualmente o leitor habituou-se ao jornal bonito, logicamente apresentado e racionalmente disposto. A revolução do desenho industrial tornou a funcionalidade uma questão estética e o jornal beneficiou-se diretamente com estes novos valores.

Amílcar de Castro, escultor e artista gráfico, trouxe para a imprensa brasileira, em 1957, através do *Jornal do Brasil*, o jogo de espaços e volumes. Harmonizou o confronto da horizontal com a vertical, equilibrou simetria com a assimetria.



Diagramação de um livro sagrado israelita

Os antigos ornamentos foram substituídos por novos elementos para estimular e melhor atrair o leitor. Foram trabalhados subtítulos, entretítulos, boxes, textos complementares, que, além de movimentar e embelezar uma página tornaram ainda mais atraente sua leitura. Estes recursos editoriais e formais foram adotados pelos jornais destinados a propiciar a *dupla-leitura*.

A dupla-leitura origina-se no estilo tipográfico dos velhos tratados religiosos, notadamente israelitas, onde o texto principal mais curto era composto em corpo maior e os comentários, mais extensos, dispostos à sua volta em corpo menor. O sistema foi revivido pela revista *Planète* e, hoje, é adotado, com variações, em grande número de publicações e livros, especialmente os didáticos. Consiste em oferecer, com a ajuda de corpos maiores e textos sintéticos, uma primeira idéia do conteúdo daquela matéria, de modo que o leitor, através de duas ou três frases, tenha o seu interesse despertado para uma segunda leitura, mais demorada e profunda. (DINES, 1996, p. 102).

Além da técnica da *dupla-leitura* ampliaram nos últimos anos outros tipos de informação visual, como mapas, gráficos e tabelas. Seu emprego passou a ter função e objetivos estéticos. Com a crescente utilização de equipamentos para impressão *off-set* e meios eletrônicos de edição, alcançou-se melhor qualidade nas impressões de textos, fotos e ilustrações.

## Jornalismo e Correio

O registro dos acontecimentos através das páginas de um manuscrito poderia no futuro servir de elemento de prova da verdade histórica, mas nenhuma relação teria com o jornalismo. Uma coisa é recolher sucessos e aprisioná-los para eventual consulta da posteridade, e outra é recolhê-los com o fim de transmiti-los incontinenti ao público. A comunicação subentende um meio material superador das distâncias, capaz de efetuar a entrega da notícia ao seu destinatário, onde ele estiver. Em quase toda a Antiguidade e em toda a Idade Média, os mensageiros particulares e os mercadores andarilhos constituíram os únicos, acidentais e precaríssimos traços de união entre os homens (RIZZINI, 1977, p. 98).

(2) RIZZINI, Carlos.  
*O Jornalismo antes da tipografia*.  
São Paulo: Nacional.  
1977.

Carlos Rizzini, em seu livro *O Jornalismo antes da tipografia* (2), assinala que, mesmo existindo a tipografia, desde 1445, nem se cogitava ainda na produção de periódicos manuscritos ou impressos. Do primeiro livro impresso ao primeiro jornal impresso transcorreram 160 anos. “De onde se conclui que a relação entre a tipografia e o jornal é semelhante à do tear mecânico e o pano: uma relação de aperfeiçoamento” (DINES, 1996, p. 66). O extraordinário é que o jornal nasceu quando já funcionavam as tipografias por toda parte. O jornal nasceu manuscrito, e por muito tempo permaneceu manuscrito. Superou as oficiosas folhas impressas que surgiam e mesmo antes de o correio ser instituído, os jornais manuscritos seguiam ou pelas mãos de seus redatores ou através de estafetas, burlando a vigilância dos poderes constituídos.

Esclarecendo com datas:

o primeiro livro impresso é de 1445;

o primeiro jornal manuscrito é de 1530;

o primeiro jornal impresso é de 1605;

Essa defasagem entre o advento da tipografia e o 1º jornal impresso é explicável pela clandestinidade a que a perseguição dos governos condenou os primórdios do jornalismo e pelo elevado preço dos trabalhos tipográficos. Da comparação das datas verifica-se terem sido os correios, e não a tipografia, a determinante do periodismo. Compreende-se, pois, que para atingir o seu fim, a informação não precisava ser escrita desta ou daquela maneira, mas ser regularmente transmitida do redator ao leitor.



Entregadores de jornais - século XIX